



## A constituição do sujeito negro em *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório: uma emersão de temas contemporâneos

### *The Constitution of the Black Subject in O avesso da pele, by Jeferson Tenório: an Emersion of Contemporary Themes*

Lisiane Oliveira e Lima Luiz

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra, Mato Grosso/ Brasil

lisiane.oliveira@unemat.br

<http://orcid.org/0000-0002-3859-7127>

Gisele Meire Tita Nazário da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso/ Brasil

profgimeire@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-3138-955X>

Rayssa Duarte Marques Cabral

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra, Mato Grosso/ Brasil

rayssa.cabral@unemat.br

<http://orcid.org/0000-0003-2663-5875>

**Resumo:** *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório, é um romance que constitui uma síntese de discursos que representam estudos e discussões da contemporaneidade, tais como: identidade, racismo estrutural, violência simbólica, violência policial, direitos humanos e necropolítica. A obra foi capaz de captar, por meio das personagens, discursos do senso comum e outros de pessoas mais esclarecidas em relação aos temas que aborda, aproximando ficção e realidade; já que o romance transfigura a vida (Candido, 2007). Este artigo visa demonstrar que as personagens secundárias – Bruno, Juliana e Professor Oliveira – exercem papel importante na constituição do protagonista Henrique. A fim de comprovar essa afirmação, analisaremos alguns momentos de interação das personagens na obra, com alicerce em estudos que permeiam as discussões tão caras à literatura contemporânea nacional, sobretudo a denominada negro-brasileira, a partir de teóricos como Achille Mbembe (2016), Aníbal Quijano (2012, 2015), Antonio Candido (2007), Djamilia Ribeiro (2019a, 2019b), Luiz Silva Cuti (2010), Neusa Santos Souza (2021), Sílvio

Almeida (2018), dentre outros. Esperamos, com este estudo, contribuir para a fortuna crítica de estudos literários que se pautam nas discussões de agenciamento de escritas negras.

**Palavras-chave:** Temas contemporâneos; Literatura negro-brasileira; O avesso da pele; Jeferson Tenório.

**Abstract:** *O avesso da pele* (2020), by Jeferson Tenório, is a novel that constitutes a synthesis of discourses that represent contemporary studies and discussions, such as: identity, structural racism, symbolic violence, police violence, human rights and necropolitics. The work was able to capture, through the characters, common sense speeches and others from more enlightened people in relation to the themes it addresses, bringing fiction and reality closer together; since the novel transfigures life (Candido, 2007). This article aims to demonstrate that the secondary characters – Bruno, Juliana and Professor Oliveira – play an important role in the constitution of the protagonist Henrique. In order to prove this statement, we will analyze some moments of interaction between the characters in the work, based on studies that permeate the discussions so relevant to contemporary national literature, especially the one called Black-Brazilian Literature, based on theorists such as Achille Mbembe (2016), Aníbal Quijano (2012, 2015), Antonio Candido (2007), Djamila Ribeiro (2019a, 2019b), Luiz Silva Cuti (2010), Neusa Santos Souza (2021), Sílvio Almeida (2018), among others. We hope, with this study, to contribute to the critical fortune of literary studies that are based on discussions of the agency of black writings.

**Keywords:** Contemporary themes; Black-Brazilian Literature; *O avesso da pele*; Jeferson Tenório.

## 1 Introdução

Encontrei minhas origens  
em velhos arquivos  
... livros  
[...]  
encontrei minhas origens

na cor de minha pele  
nos lanhos de minha alma  
em mim  
em minha gente escura  
em meus heróis ativos  
encontrei  
encontrei-as enfim  
me encontrei

(Silveira, 2009)

A literatura não tem a finalidade de ensinar; ainda que o faça, de forma indireta, seus propósitos são de outra ordem. Nos últimos tempos, o reconhecimento de escritores de outros lugares de fala tem trazido para a Literatura mais cores, perspectivas e possibilidades de se ver o mundo e a diversidade de pessoas que o habitam. Sabemos que, tradicionalmente, o chamado “cânone literário” é predominantemente formado por escritores homens, brancos e de classe média ou alta; o que culminou em narrativas com perspectivas semelhantes que, por centenas de anos, colonizaram a nossa imaginação.

Felizmente, com a insurgência de vozes até então silenciadas ou “tímidas”, a democratização da educação e o avanço dos chamados estudos pós-coloniais e decoloniais, a academia e o mercado editorial passaram a dar um pouco mais de atenção a livros que trouxessem um olhar diferente; que não contribuísse para a manutenção das opressões e do *status quo ante* – conservando visões limitadas de determinados grupos ainda estigmatizados e/ou apagados –, mas que rompesse, ainda que no âmbito estético, com essas tradições.

Há algumas evidências que comprovam essa mudança de perspectiva, ou seja, da visibilidade de obras e autores até então não estudados ou reconhecidos. A primeira evidência foi o reconhecimento da obra literária de Maria Firmina dos Reis<sup>1</sup>, Carolina Maria de Jesus<sup>2</sup>, Conceição Evaristo<sup>3</sup>, dentre outros(as) autores(as) negro-brasileiros, que vêm sendo objeto de estudo em artigos, dissertações e teses. A segunda são as premiações literárias que têm reconhecido autores negros, como é o caso do Prêmio Camões 2021, cuja vencedora foi a autora moçambicana Paulina Chiziane, e os Prêmios Jabuti 2020, no qual o livro vencedor na categoria romance foi *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior; e, em 2021, *O avesso da pele*,

---

<sup>1</sup> Maria Firmina dos Reis – Úrsula, publicado em 1859, foi o primeiro romance abolicionista de língua portuguesa escrito por uma mulher negra. A obra permaneceu no esquecimento por muitos anos. Somente em 1960, o pesquisador Horácio de Almeida teve acesso a um exemplar da primeira edição da obra.

<sup>2</sup> Carolina Maria de Jesus – *O quarto de despejo*: diário de uma favelada (1960), no ano de 2017 foi escolhida como leitura obrigatória nos vestibulares da UFRGS e UNICAMP.

<sup>3</sup> Conceição Evaristo – *Ponciá Vicêncio* (2003) foi incluída como leitura obrigatória em vestibulares de universidades brasileiras. Em 2015, a autora recebeu o Prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas” com *Olhos d’água*, e em 2018, o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra.

de Jeferson Tenório. No âmbito internacional, podemos citar, também, o Prêmio Nobel de Literatura em 2021, cujo autor laureado foi o romancista tanzaniano Abdulrazak Gurnah.

Neste artigo, o romance *O avesso da pele* (2020) servirá como mote para discussões que permeiam a contemporaneidade e que são tão caras para as ciências humanas e para a sociedade em geral, tais como: identidade, racismo estrutural, violência simbólica, violência policial, direitos humanos, necropolítica, entre outros. Discutiremos tais temas em consonância com teóricos como Achille Mbembe (2016), Aníbal Quijano (2012, 2015), Antonio Candido (2007), Djamila Ribeiro (2019a, 2019b), Luiz Silva Cuti (2010), Neusa Santos Souza (2021), Sílvio Almeida (2018), dentre outros.

Enfatizamos, portanto, a relevância dos estudos literários, que vão muito além da ficção, pois conseguem incitar reflexões capazes de impactar nossa percepção de mundo, trazendo uma perspectiva diferente, para temas e acontecimentos corriqueiros, pouco abordados ou até mesmo invisibilizados. Nesse sentido, Fábio Akcelrud Durão (2016), em sua obra *O que é crítica literária?* advoga em favor da importância da tarefa da crítica literária, convergindo limitação e liberdade:

A crítica literária é forçosamente limitada; ela tem como princípio de base restringir-se a obras — que em sua grande maioria querem-se ficcionais — e evitar comentários amplos desnecessários à sua compreensão. No entanto, isso não é obrigatoriamente uma fraqueza, porque não significa que a crítica literária não tenha o que dizer sobre a história ou a sociedade. Por mais estranho que possa parecer, muitas vezes é mais fácil alcançar obliquamente uma visão profunda do mundo a partir daquilo que ela produz (e aparentemente não possui uma finalidade prática), do que encarando-o de frente, de uma posição acima de tudo e todos (Durão, 2016, p. 22).

Diante disso, nesta oportunidade, abordaremos a questão da constituição do sujeito negro a partir de sua interação com três personagens que funcionam como arquétipos<sup>4</sup> facilmente reconhecíveis na nossa sociedade. Para tanto, este artigo se organizará da seguinte forma: primeiramente, faremos uma breve contextualização acerca da literatura

---

<sup>4</sup> Arquétipo é um conceito da psicologia utilizado para representar padrões de comportamento associados a um personagem ou papel social.

brasileira contemporânea, com maior ênfase na literatura negro-brasileira; em seguida, uma breve apresentação do autor e do romance estudado, salientando a questão da autoria; e, finalmente, apresentaremos uma análise das personagens: Bruno, Juliana e Professor Oliveira, a fim de demonstrar o percurso pelo qual a personagem Henrique passou para se constituir como sujeito negro, no sul do Brasil.

## 2 A literatura negro-brasileira na cena contemporânea

Giorgio Agamben (2009, p. 64) define o contemporâneo como “[...] aquele que recebe em pleno rosto o facho das trevas que provém do seu próprio tempo”. Ao falar da literatura contemporânea brasileira, pode-se dizer que caminha-se na mesma direção, pois esse é um terreno que tem trazido discussões e conflitos. A intenção neste texto não é entrar nesse debate, mas é preciso demonstrar que “[...] a literatura brasileira é um território contestado” (Dalcastagné, 2012, p. 5). A assertiva da escritora e teórica serve para demonstrar o caminho movediço trilhado pelos escritores contemporâneos. De acordo com Dalcastagné (2012), a movimentação que se tem hoje na cena literária vai além de estilos ou escolhas repertoriais. Busca-se um espaço de fala, uma possibilidade de falar de si e do mundo do qual se faz parte. É um jogo de poder e legitimação, em que a presença de vozes até então invisíveis causa desconforto e ruídos.

Para pensar na escrita de Jeferson Tenório, trazemos a reflexão a partir dessas vozes, que parecem gritos de denúncia de viver num país em que o racismo ainda impera. Tenório mexe com uma ferida aberta e, com isso, faz aflorar questões que dizem respeito a uma grande maioria da população brasileira, o povo negro.

Partindo desse pressuposto, entendemos que o escritor da obra *O avesso da pele* é um intelectual preocupado em dar visibilidade a uma narrativa negro-brasileira<sup>5</sup>, e às peculiaridades vivenciadas por pessoas marginalizadas e subalternizadas. De acordo com Cuti

---

<sup>5</sup> Optamos pelo uso do termo negro-brasileira em vez de afro-brasileira, nomenclatura utilizada por alguns pesquisadores dos estudos literários, como Eduardo de Assis Duarte. A nossa escolha vai ao encontro do que Cuti (2010) preceitua, para ele: “[...] ‘afro-brasileiro’ e ‘afrodescendente’ são expressões que induzem a um discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero

O surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigma crítico-literário, noções classificatórias e conceituação das obras de poesia e ficção (Cutí, 2010, p. 8).

Falar dessa literatura que diz respeito ao corpo negro é uma maneira de situar-se politicamente, culturalmente e subjetivamente, uma forma de resistência contra o propósito de um país que se quer branco. “A literatura negro-brasileira, do sussurro ao grito, vem alertando para isso, ao buscar seus próprios recursos formais e sugerir a necessidade de mudança de paradigmas estético-ideológicos” (Cutí, 2010, p. 8-9). Essas mudanças são necessárias e urgentes na cena literária brasileira, ademais, é crível dizer que “Escreve-se sempre para dar vida, para fazer ver e pensar algo que havia permanecido na sombra, obscurecido pelas representações do saber e do poder, entidades cuja existência nem se suspeitava” (Pellejero, 2009, p. 70).

### **3 Um encontro entre a teoria e a verossimilhança em *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório**

Sabemos que um escritor é um membro da sociedade, portanto, é alguém circunscrito a um contexto, um tempo e um espaço; sendo assim, é certo que haverá acontecimentos sociais e saberes nesta sociedade em que está inserido, e ao escrever selecionará dados da realidade histórica, cotidiana ou simplesmente imaginária e os traduzirá em palavras que terão como resultado o texto literário.

Curiosamente, ousamos dizer que as obras literárias contemporâneas parecem não só abordar temáticas específicas que clamam por alguma atenção, como também ir ao encontro das próprias teorias estudadas nas universidades. Nesse mesmo sentido, Fabio Akcelrud Durão, em sua obra *Metodologia da pesquisa em literatura*, em nota de rodapé, acrescenta o seguinte comentário:

---

apêndice da literatura africana.” (Cutí, 2010, p. 35-36). Ademais, “[...] quanto aos autores, um afro-brasileiro ou afrodescendente não é necessariamente um negro-brasileiro, já que o prefixo afro abriga também outros brasileiros, que não partilham da experiência da discriminação racial.” (Cutí, 2010, p. 38).

É interessante observar que a localização da literatura na universidade acaba gerando efeitos na produção literária fora dela, e não deixa de ser uma hipótese de leitura interessante investigar o quanto a literatura brasileira contemporânea já não é feita com um público universitário em mente, não apenas no que se refere aos traços internos como a ambientação, o desenvolvimento do enredo ou a caracterização das personagens, como também na antecipação da chave a ser utilizada na leitura. Em outras palavras, seria o caso de averiguar se parte considerável da ficção atual não estaria sendo escrita visando ser lida de acordo com uma vertente teórica já existente; nesse caso, a crítica estaria precedendo a literatura, em uma curiosa inversão (Durão, 2020, p. 18).

À vista disso, Jeferson Tenório é um escritor negro brasileiro contemporâneo, nascido no Rio de Janeiro, em 1977, e radicado em Porto Alegre. Estreou na literatura com o romance *O beijo na parede* (2013), eleito o livro do ano pela Associação Gaúcha de Escritores. É autor também de *Estela sem Deus* (2018) e *O avesso da pele* (2020) – vencedor do prêmio Jabuti, em 2021. Tenório vive em Porto Alegre; assim como o protagonista de *O avesso da pele*: “A sua grande obra foi continuar levantando, dia após dia. Apesar de tudo, você continuou desafiando a possibilidade de morrer. No sul do país, um corpo negro será sempre um corpo em risco.” (Tenório, 2020, p. 180). Nesse contexto, Tenório se enquadraria nessa “curiosa inversão” mencionada por Durão (2020), pois além de escritor é doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), o que revela um *background* favorável para as temáticas e problematizações que trouxe em seu romance.

*O avesso da pele* é um romance aos moldes de Carlos Heitor Cony, pois é “quase memória, quase romance”<sup>6</sup>. Trata-se de uma narrativa que não só tenta reconstituir os fatos e lembranças fragmentadas, como também dá espaço para a inventividade, tão cara ao texto de ficção, conforme percebemos no trecho: “Não sei o que fazer com essa verdade inventada. É inventando que consigo ser honesto.” (Tenório, 2020, p. 179).

No romance ora analisado, a questão da memória transcende o aspecto individual – trata-se de uma memória coletiva, que funciona como um retrato do racismo estrutural. A proximidade que existe entre a personagem Henrique e o autor Jeferson Tenório não traz à obra mera

---

<sup>6</sup> Referência ao romance de Carlos Heitor Cony, *Quase memória: quase-romance* (2006).

verossimilhança ou efeito de autenticidade acerca de uma personagem qualquer, ela dá vazão a um lugar de fala<sup>7</sup> de um homem negro, com efeito coletivo/estrutural na narrativa, portanto, adequadamente ocupado.

Considerando os apontamentos feitos por Djamila Ribeiro, em sua obra *Lugar de fala* (2019a), esse lugar diz respeito a um lugar social, de localização de poder dentro da estrutura e não apenas a vivência ou a experiência individual. Na verdade, o que se discute é como um grupo social negro compartilha experiências comuns e como essas experiências são atravessadas por uma matriz de dominação que impede a visibilidade desses sujeitos em determinados espaços. Trata-se, portanto, do reconhecimento do caráter coletivo que se sobrepõe ao aspecto individualizado das experiências. Essa característica existente na obra de Tenório, coaduna com aquilo que Pellejero diz, sobre o fazer do escritor

Habitando esta distância constitutiva de toda a sociedade, conectando-se com o que deixa fora, o escritor encontra então a potência, a perspectiva para fazer uma literatura verdadeiramente revolucionária, para criticar uma classe e inclusive abrir o espaço para o surgimento de outra. E se trata talvez da potência maior da literatura: abrir novos espaços de possíveis para a constituição de novas formas de subjectividade (individuais e colectivas) (Pellejero, 2009, p. 58-59).

Em consonância com o autor acima citado, podemos dizer que vemos aflorar, em *O avesso da pele*, profundas reflexões sobre o posicionamento das duas personagens negras, Henrique e Pedro. Tenório demonstra na narrativa a complexa subjectividade das personagens. Henrique, após anos vivenciando o racismo, começa a valorizar a sua identidade após conhecer o professor Oliveira, no entanto tem a vida ceifada em uma abordagem policial por ser confundido com um bandido. Pedro, após a morte do pai, reconstitui a história de vida do genitor e nessa reconstrução também se refaz, trazendo à tona toda a sua ancestralidade. Sendo assim, ambas as personagens não aceitaram a condição que lhes estava destinada sob a ótica

---

<sup>7</sup> O termo lugar de fala tem origens múltiplas e é usado em diferentes contextos e áreas do conhecimento. Na análise do discurso de vertente francesa, é utilizado por autores como Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Judith Butler, dentre outros. Tais autores utilizam-no para abordar as relações de poder presentes nos discursos, levando em consideração seus enunciadores e a posição ocupada por eles enquanto o discurso é enunciado. No Brasil, o termo foi disseminado pela filósofa Djamila Ribeiro, que publicou obra com esse título.



racista e buscaram estratégias de sobrevivência em uma sociedade marcada pelo preconceito e discriminação racial.

#### **4 A questão da identidade: a pele**

São vários os recortes possíveis a serem analisados em uma obra literária, sobretudo neste romance que estamos a apreciar. Nesta oportunidade, longe de esgotar as inúmeras possibilidades, propomos uma análise dos discursos de algumas personagens do romance a partir de suas perspectivas, afinal, como disse Leonardo Boff em famoso texto: “Todo ponto de vista é a vista de um ponto”. (1998, p. 9). Dessa forma, selecionamos fragmentos que provocam discussão a respeito de temas contemporâneos, tais como: identidade, racismo estrutural, violência simbólica, violência policial, direitos humanos e necropolítica, a partir de personagens que contribuem para a construção da identidade do protagonista.

O que pode se ver além da pele? Esse questionamento é muito válido se pensarmos que vivemos num país em que a raça é determinante. Raça, como bem afirma Ramón Grosfoguel (2020), é uma dimensão estruturante do sistema-mundo moderno/colonial.

Em sentido semelhante, Silvio Almeida, na obra *O que é Racismo Estrutural?* (2018), argumenta que “O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para as formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (Almeida, 2018, p. 16). Nesse contexto, se pensarmos nos países que passaram pelo processo de colonização, perceberemos a relevância do pensamento de Almeida, atrelado àquilo que defende Aníbal Quijano, para o qual o eixo principal de dominação é o da ideia de raça:

Essa ideia e a classificação social e baseada nela (ou “racista”) foram originadas há 500 anos junto com a América, Europa e o capitalismo. São a mais profunda e perdurável expressão da dominação colonial e foram impostas sobre toda a população do planeta no curso da expansão do colonialismo europeu. Desde então, no atual padrão mundial de poder, impregnam todas e cada uma das áreas de existência social e constituem a mais profunda e eficaz forma de dominação social, material e intersubjetiva, e são, por isso mesmo, a base intersubjetiva mais universal de dominação política dentro do atual padrão de poder (Quijano, 2002, p. 1).

Ao tecer suas considerações, Quijano demonstra o quanto a ideia de raça perpassa todas as instâncias da vivência humana, sendo o colonizador o autor dessa construção, uma vez que se coloca superior aos grupos colonizados. Essa superioridade, que *a priori* era demarcada pelas questões fenotípicas, toma proporções inalcançáveis, a ponto de fazer com que o colonizado seja considerado inferior e desprovido de conhecimento.

A partir dessa perspectiva racial, analisaremos três personagens que interagem com o protagonista Henrique e que exercem papel muito importante para o reconhecimento da identidade negra dele, são elas: Bruno – o advogado e primeiro empregador; Juliana – a sua primeira namorada branca; e o Professor Oliveira – Professor negro de Literatura.

#### **4.1 Personagem Bruno: a materialização da colonialidade do poder, do ser e do saber**

Aimé Césaire, no consagrado *Discurso sobre o colonialismo*, diz que “Uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento suscita é uma civilização decadente” (2022, p. 161). Mesmo após mais de cinquenta anos da primeira publicação do texto que denuncia o colonialismo e a civilização ocidental, é possível verificar resquícios dessa decadência. Aliás, esse declínio ainda é sentido mesmo com o fencimento do colonialismo, uma vez que suas ramificações imperam.

A assertiva de Césaire corrobora a ideia de colonialidade<sup>8</sup> do poder defendida por Aníbal Quijano (2005), essa estrutura que se reinventa e se reelabora, de forma que o resultado desse processo é a dominação e a subjugação de alguns povos, em detrimento da Europa. Pensar a colonialidade diz respeito a entender que os objetivos da civilização ocidental moderna legitimam as ideias sobre as subjetividades (ser), sobre o que se constitui conhecimento (saber) e sobre o que representa a ordem econômica e política (poder). Essa tríade constitui-se naquilo que Nelson Maldonado-Torres define como colonialidade do ser, do saber e do poder, componentes fundamentais da modernidade/colonialidade (Maldonado-Torres, 2020).

---

<sup>8</sup> Colonialidade pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais. A “descoberta” do Novo Mundo e as formas de escravidão que imediatamente resultaram daquele acontecimento são alguns dos eventos-chave que serviram como fundação da coloniedade. (Maldonado-Torres, 2020).

Na parte intitulada “A Pele”, é possível vislumbrar a atuação da personagem Bruno, um dos sócios do escritório de advocacia, com o qual o protagonista Henrique faz a sua primeira entrevista de emprego. Tem-se, nesse momento, uma cena emblemática, marcada pelo racismo, como bem narra o filho da vítima:

Lembra o dia em que um dos sócios foi entrevistá-lo para a vaga, você tinha dezenove anos. Ele se chamava Bruno Fragoso [...] Ele te fez esperar por quarenta minutos, porque queria parecer ocupado e importante, no entanto, anos mais tarde, você descobriria que ele, na verdade, ficava na frente do computador jogando paciência ou vendo pornografia (Tenório, 2020, p. 13).

O fragmento acima descrito caracteriza o modo como opera a colonialidade do poder na sociedade. Bruno Fragoso é o típico homem branco que já sabe que nasceu com privilégio simplesmente por ter o tom de pele mais claro que o de Henrique e pertencente a uma classe social de prestígio. Na narrativa, é assim caracterizado: “Bruno Fragoso era branco, rico, gostava de mulheres bonitas e carros importados, todo tipo de clichê possível para um homem branco e rico” (Tenório, 2020, p. 16). As ações do empresário vão ao encontro de suas convicções, primeiramente, se fazendo de homem ocupado demais para atender ao jovem no momento em que este chega no escritório de advocacia. O fato de deixar o rapaz esperá-lo por um longo tempo apenas reafirma a sua posição de poder, uma vez que destinava seu precioso tempo a futilidades. Depois disso, se coloca à frente do rapaz e despeja nele todo o seu racismo “[...] Bruno disse, com muita naturalidade, que não gostava de negros” (Tenório, 2020, p.13). Questionamos: o que autoriza uma pessoa a tratar o outro dessa forma?

De acordo com Neusa Santos Souza (2021), tal autorização se dá pela violência racista que é a espinha dorsal, o núcleo central dos problemas que aqui abordamos. Nas palavras da autora: “Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais do ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro” (Souza, 2021, p. 20). Nota-se, a partir do que constata Neusa Souza, que Henrique sofre essa violência dupla, na medida que encarna um corpo negro e se depara com o ego branco, eurocentrado e racista de Bruno. A narrativa segue mostrando a fragilidade e a estagnação de Henrique perante a figura autoritária do futuro contratante:

Você tinha dezenove anos mas ainda não sabia muita coisa sobre autoestima, nem sobre se valorizar e essas coisas necessárias para manter a sanidade, por isso você não conseguia olhar por muito tempo nos olhos dele. Bruno percebeu isso. Você era tudo que ele precisava (Tenório, 2020, p. 13).

O sentimento vivido pela personagem Henrique não destoa daquele experienciado por milhões de brasileiros pretos que buscam o primeiro emprego. São presas fáceis, corpos subjugados e subestimados, que muitas vezes desconhecem a própria identidade. “Na época, você nem sabia muito bem o que significava ser negro. Não havia discutido nada sobre racismo, nada sobre negritude, nada sobre nada” (Tenório, 2020, p. 14). Esse desconhecimento não se dá por acaso, afinal, na sociedade moderna, o signo “negro” está vinculado a algo negativo, estereotipado e inferior. Concordamos com o pensamento de Grada Kilomba (2020), no qual ela assinala que pessoas negras estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas, estruturas essas que privilegiam os sujeitos brancos, deixando-os em clara vantagem em relação aos grupos racializados.

Para além das sequelas em relação à própria identidade – colonialidade do ser – Henrique sentia na pele e na alma o desconforto de ouvir coisas que para ele não fazia sentido algum, como o fato de Bruno achar que estaria salvando-o das drogas ou do mundo de violência que a ele subjaz. Isso fica explícito no excerto:

Bruno seguiu com a entrevista, disse que ia te dar uma chance, porque achava que podia te salvar das drogas, mesmo que você nunca tivesse experimentado drogas. Ele também queria te salvar das armas e da violência. Bruno ainda acreditava que, se todo empresário fizesse sua parte, o Brasil já teria tomado jeito (Tenório, 2020, p. 14).

No discurso utilizado pelo empresário, é possível perceber que o racismo também é ideológico na medida em que se ancora em práticas sociais concretas, práticas essas que são legitimadas por um imaginário social que discrimina e julga as pessoas só pelo fato de serem de cor, ou seja, ser negro é sinônimo de alerta. A exemplo de Henrique, um jovem preto, que já carregava o estigma de pouco saber e o pré-julgamento muito comum na sociedade, uma vez que “[...] é na área de segurança pública que, sobretudo, os jovens negros encontram-se expostos a uma matança,

semelhante ao genocídio [...]” (Carneiro, 2011, p. 25-26), ainda nessa direção: “[...] o imaginário em torno do negro criminoso, representado nas novelas e nos meios de comunicação não poderia se sustentar sem um sistema de justiça seletivo, sem a criminalização da pobreza e sem guerra às drogas” (Almeida, 2018, p. 52).

Pelo exposto, verifica-se toda uma estrutura sendo edificada para perpetuar o racismo. É a colonialidade do saber, do ser e do poder funcionando para performar o discurso maquiado de bondade e da ajuda que denota salvamento, em prol de um sistema que reforça práticas discriminatórias e exclui.

#### 4.2 Personagem Juliana: o contraste e a percepção da negritude<sup>9</sup>

A personagem Juliana, a primeira namorada branca de Henrique, tem papel relevante, pois “Foi com Juliana que você começou a desconfiar da sua situação como homem negro no sul do país” (Tenório, 2020, p. 22). A partir de suas interações com ela e seus familiares, instaura-se uma fase de transição, na qual a consciência em relação à sua condição racializada começa a ser provocada e problematizada.

De início, apesar de o protagonista perceber o quanto seu relacionamento é motivo de surpresa para a sociedade, o casal convola esse estranhamento em um tipo de fetiche, transformando o contraste da cor da pele em “apelidos carinhosos”: “Não demorou muito para que Juliana começasse a te chamar carinhosamente de *meu nego* e você começasse a chamá-la carinhosamente de *minha branquinha*” (Tenório, 2020, p. 24, destaque no original).

*A priori*, o protagonista se vê validado por se relacionar com uma mulher branca, é como se a sociedade reconhecesse nele valor ou superioridade em relação aos demais homens negros: “*Uma mulher branca com um negro, ele deve ser um bom homem*” (Tenório, 2020, p. 24, destaque no original); e “A presença de Juliana te dava uma espécie de salvo-conduto em certos ambientes. Porque, quando você estava com ela, você não era qualquer negro diante dos outros” (Tenório, 2020, p. 24-25).

---

<sup>9</sup> Usamos o termo negritude grafado em letra minúscula para nos referir à tomada de consciência da identidade negra, a partir do contato com a história e cultura específicas do povo negro.

Mesmo que dissessem que “não viam cor” ou que “o que importa é o caráter”:

[...] você e Juliana partilhavam da mesma visão de mundo. Acreditavam que raças não existiam e que a humanidade era a única coisa que havia. Na primeira vez que ouviu falar em consciência negra, você não compreendia que a sociedade se importava mais com a sua cor do que com o seu caráter (Tenório, 2020, p. 23).

A questão racial sempre era assunto nos almoços de família, seja com as piadas racistas e por ser chamado sempre de “negão”, com generalizações ou com as perguntas que o objetificavam:

[...] quando você foi apresentado à família de Juliana, quando naquele almoço de domingo o tio dela de cinquenta e quatro anos, o Sinval, um motorista de Kombi escolar, te chamou de negão, você não se importou, porque aquilo significava algum tipo de intimidade, e você, enfim, estava sendo aceito pela família branca da sua namorada (Tenório, 2020, p. 23).

[...] em pouco tempo, você não só passou a ser o negão da família, como também passou a ser uma espécie de para-raios de todas as imagens estereotipadas sobre os negros: pois disseram que você era mais resistente à dor, disseram que a pele negra custava a envelhecer, que você deveria saber sambar, que deveria gostar de pagode, que deveria jogar bem futebol, que os negros são bons em atletismo. *Você não corre?* (Tenório, 2020, p. 23, destaque no original)

Enquanto isso, a Juliana, por sua vez, era bombardeada pelas primas e amigas que nunca tiveram um namorado negro: *e então, como ele é? Tem pegada mesmo, como dizem dos negros? E o pau dele? É grande? É verdade que eles são insaciáveis? Qual o cheiro dele?* (Tenório, 2020, p. 23, destaque no original)

Os fragmentos acima ilustram situações muito corriqueiras para homens negros inseridos em locais predominantemente brancos; trata-se de exemplos de manifestações de violência simbólica, um tipo de violência que se manifesta de uma forma menos explícita. Conforme nos apregoa o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1997, p. 22): “A violência simbólica consiste em uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que

a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la”.

A sintonia de alienação às questões raciais que antes os unia – “Vocês até chegaram a achar que o racismo não tinha nada a ver com o amor. O afeto transcende a cor da pele, vocês pensavam” (Tenório, 2020, p. 22) – deu lugar a um cenário diferente. A partir de um amadurecimento do protagonista com uma percepção diferente sobre si mesmo, questões como a negritude e o racismo passaram a ser incômodas e caras para ele, tanto que ele passou a sentir uma necessidade de falar sobre elas. Entretanto, conforme problematizou Gayatri Spivak (2010), “pode o subalterno falar?”. Nesse contexto, em particular, percebemos que não havia abertura e nem interesse por parte de sua namorada para ouvi-lo: “Juliana disse que estava triste com seu jeito, que você tinha mudado e que já não sabia brincar. Agora você levava tudo muito a sério. Agora para você tudo era racismo. *Você não era assim, será que não podemos ser como antes?*” (Tenório, 2020, p. 30, destaque no original).

A ausência de empatia e a concepção de que, por namorar um negro, sua condição de pessoa racista era automaticamente descartada, vemos clara a problemática trazida por Djamila Ribeiro (2019b), de que não adianta não ser racista, é necessário ser também antirracista. A autora também ensina que:

Fala-se muito em empatia, em colocar-se no lugar do outro, mas empatia é uma construção intelectual, ética e política. Ao amar alguém de um grupo minorizado, deve-se entender a condição do outro, para que se possa, de fato, assumir ações para o combate de opressões das quais a pessoa amada é vítima. É uma postura ética: questionar as próprias ações em vez de utilizar a pessoa amada como escudo. A escuta, portanto, é fundamental (Ribeiro, 2019b, p. 90-91).

A postura de omissão de Juliana, deslegitimando as dores de seu companheiro pode ser considerada uma prática de desumanização tal como as falas e piadas de sua família que perpetuam estereótipos racistas. Da pior forma possível, o protagonista pôde perceber o quanto sua relação era atravessada por questões raciais, mas conseguiu se reconhecer como pessoa preta em uma sociedade racista: “Não posso arrancar minha pele preta” (Tenório, 2020, p. 30), e como sujeito “Não sou teu negro. Não sou teu preto. Meu nome é Henrique.” (Tenório, 2020, p. 30).

Finalmente, Henrique toma consciência do quanto a questão racial está estruturada em tudo, inclusive nos afetos. De acordo com Neusa Santos Souza:

A descoberta de ser negra é mais do que a constatação do óbvio. Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (Souza, 2021, p. 42).

Ao perceber-se negro, discriminado, objetificado e desamparado, não houve outra alternativa, a não ser o término do relacionamento. Contudo, se o contraste provindo de uma relação interracial trouxe evidências empíricas para Henrique, foi o professor Oliveira Silveira quem o inspirou, amparou e preencheu, com teoria, literatura e cultura capazes de, ao menos no âmbito intelectual, ser livre para reconhecer-se como homem negro.

#### **4.3 Personagem Professor Oliveira: uma homenagem à voz da Negritude no Brasil**

No início do século XX, a palavra *nègre* na França possuía um sentido pejorativo. Utilizava-se quando o objetivo era ofender ou desqualificar o homem ou mulher negros. No entanto, o movimento da Negritude<sup>10</sup> inverteu o sentido aviltante da palavra *nègre* e embutiu um sentido positivo, de afirmação e orgulho racial (Domingues, 2009). A subversão do sentido dessa palavra foi proposta pelo poeta, dramaturgo e ensaísta martinicano Aimé Césaire que utilizou a tática de “[...] desmobilizar o inimigo em um de seus principais instrumentos de dominação racial: a linguagem. O próprio Aimé Césaire assinalava que o movimento da negritude representou uma revolução na linguagem e na literatura” (Domingues, 2009, p. 195-196). E sobre o movimento da Negritude, o intelectual afirma:

Vale dizer que a Negritude, em seu estágio inicial, pode ser definida primeiramente como tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade. [...] Ela não é nem

---

<sup>10</sup> Usamos o termo Negritude grafado em letra maiúscula para nos referir ao movimento histórico, social e cultural.



da ordem do patético nem do choramingo. A Negritude resulta de uma atitude proativa e combativa do espírito. Ela é um despertar; despertar de dignidade. Ela é uma rejeição; rejeição da opressão. Ela é luta, isto é, luta contra a desigualdade (Césaire, 2010, p. 107).

Em síntese, para Césaire, a negritude se constituía no fato de reconhecer-se negro e ter consciência de uma identidade, história e culturas específicas. As ideias do movimento francês da negritude ecoaram no Brasil somente na década de 1940, sobretudo, por meio do Teatro Experimental Negro (TEN), que tinha como um dos fundadores o intelectual Abdias do Nascimento. A entidade foi fundada em 1944, no Rio de Janeiro, e tinha como objetivo inicial desenvolver uma dramaturgia negra no país, tendo em vista a afirmação dos valores negros. Outros intelectuais brasileiros envolveram-se nos debates sobre a negritude no Brasil em busca de estratégias para que a presença da população negra não fosse apagada do processo de formação da História do Brasil.

Anos mais tarde, um ativista que contribuiu com esses debates e destacamos na análise deste artigo é o poeta e professor gaúcho Oliveira Silveira<sup>11</sup> (1941-2009). O escritor Jeferson Tenório o traz para a narrativa ficcional, dá a ele um lugar de destaque e homenageia o poeta da negritude, ainda desconhecido por muitos, apesar de sua relevância na historiografia da literatura negro-brasileira.

Ao fazer um paralelo entre a obra *O avesso da pele* e o texto teórico “Personagens de romance”, de Antonio Candido, podemos inferir que há um entrelaçamento entre realidade e ficção na construção da personagem Professor Oliveira. Pode-se chegar a essa confirmação, na análise da personagem, “[...] quando houver indicação fora do próprio romance, – seja por *informação do autor*, seja por *evidência documentária*” (Candido, 2007, p. 66, grifo nosso). Sendo assim, na análise da construção da personagem citada há constatação pelas duas formas: informação do autor e evidência documentária, como poderemos verificar no decorrer do tópico.

---

<sup>11</sup> Oliveira Silveira – “Nascido em Touro Passo, distrito de Rosário do Sul-RS, em 16 de agosto de 1941, Oliveira Ferreira da Silveira diplomou-se em Letras, tendo exercido o magistério por muitos anos em Porto Alegre. Foi um dos intelectuais afrodescendentes de maior destaque no estado onde nasceu e também a nível nacional, participando ativamente de debates, encontros e mobilizações do movimento negro.” (literafro).

Na parte da obra intitulada “A pele”, somos apresentados à personagem professor Oliveira, professor de Henrique e o responsável pela tomada de consciência de sua negritude, pois antes de conhecer o professor Oliveira, Henrique não prestava atenção, ou melhor, não refletia sobre as questões raciais que o envolviam. Embora fosse um homem negro, parado em diversas *blitz* policiais desde a infância, não havia feito reflexões sobre ser negro em Porto Alegre e como a cor da pele implicava nas relações afetivas com suas namoradas brancas e os familiares delas.

Somente nas aulas do cursinho pré-vestibular, ministradas pela personagem professor Oliveira, a questão da negritude foi trazida para as discussões. Nessas aulas, Henrique começou a reconhecer-se como homem negro, a compreender a importância dos líderes que iniciaram o movimento da Negritude e outros que lutaram ativamente pelos direitos civis nos Estados Unidos, e refletir sobre o racismo estrutural que o afligia desde a infância:

Quando o professor Oliveira contou para sua turma sobre Malcolm X, quando vocês conversaram sobre Martin Luther King, quando pela primeira vez você ouviu a palavra “negritude”, o seu entendimento sobre a vida tomou outra dimensão, e você se deu conta de que ser negro era mais grave do que imaginava. [...] Ouviu o professor Oliveira falar sobre como tudo isso tinha começado (Tenório, 2020, p. 34).

A partir disso, Henrique teve um outro olhar sobre seus relacionamentos com mulheres brancas e sentiu-se incomodado com as piadas racistas dos familiares das namoradas e com os olhares de reprovação ou espanto das pessoas nas ruas quando avistavam um casal multirracial.

Na parte “O avesso”, por meio do diálogo de Pedro, o narrador, e sua amiga Saharienne, uma mulher negra, intelectual e muito envolvida nos debates raciais da universidade, tomamos conhecimento que o professor Oliveira é uma referência ao poeta Oliveira Silveira, conforme o trecho abaixo:

Você já leu os poemas de Oliveira Silveira?, ela perguntou. Eu disse que sim, que você era um leitor dele e que ele também havia sido seu professor. Saharienne sorriu e disse que você era uma pessoa de sorte. Disse também que o Oliveira era um desses poetas que nos lembram de onde nós viemos, não para nos prendermos num passado, mas para nos libertarmos no presente (Tenório, 2020, p. 115).

Nesse diálogo entre Pedro e Saharienne, podemos perceber a importância dos poemas do professor Oliveira Silveira na construção da identidade negra das personagens Henrique, Pedro e também Saharienne que teve, em casa, uma educação de valorização da cultura negra, a fim de que não esquecesse suas origens.

Portanto, por meio da “evidência documentária” (Candido, 2007, p. 67), tomamos conhecimento, no *site* Literafro, o portal da literatura afro-brasileira, de que o poeta Oliveira Silveira, no período de 1971 a 1978, participou do Grupo Palmares. Foi, também, o idealizador do estabelecimento do dia 20 de Novembro, como o “Dia Nacional da Consciência Negra”, posteriormente instituído pela Lei nº 12.519/2011.

Sendo assim, na narrativa, ficção e realidade entrelaçam-se e dão voz à personagem do professor Oliveira, um intelectual, que incentivava seus alunos a pensar nas questões raciais do Brasil, marcadas pelo preconceito e discriminação com a população negra, constantemente noticiadas nos jornais, como alvo da necropolítica. Conceito cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2016), que faz referência ao uso do poder social e político para decretar como algumas pessoas podem viver e como outras devem morrer; ou seja, na distribuição desigual da oportunidade de viver e morrer no sistema capitalista atual. Nesse sentido, a população negra brasileira tem sido constantemente alvo dessa política de morte em diversas situações, tais como: violência policial em favelas, mortes em decorrência da covid-19, superlotação de presídios, negligência em hospitais públicos, entre outras.

E por fim, por meio da “informação do autor” (Candido, 2007, p. 67), em entrevista cedida ao *site Uol* (2021), o escritor Jeferson Tenório declara que a história negra e do movimento negro não é suficientemente conhecida no Rio Grande do Sul, pois há um processo sistemático de apagamento da identidade negra e que no próprio lugar onde foi criado o Dia da Consciência Negra, não é feriado. Tenório finaliza com a seguinte afirmação sobre o poeta Oliveira Silveira, homenageado no livro: “O Oliveira Silveira é essa usina de ideias que vai iluminando essas lâmpadas ao redor, essa árvore que vai dando frutos. Tem vários autores que vêm a partir da influência dele” (Tenório, 2021, *online*).

À vista disso, a construção da personagem Oliveira Silveira no romance foi essencial para a mudança de postura, tomada de consciência e ação da personagem Henrique para que saísse do lugar de estagnação, apatia

e baixa autoestima que havia dominado a sua vida e seus relacionamentos em razão dos preconceitos e discriminação racial.

## 5 Considerações além da pele

Após a análise do romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, podemos considerar que o autor, talvez por ser acadêmico na área da literatura e conhecedor das discussões contemporâneas na área de linguagens e das humanidades, ilustra em sua obra ficcional situações verossímeis e que organizam e bem representam temáticas-chave do espaço acadêmico. Nesse sentido, podemos dizer que Tenório atua como catalisador de uma perspectiva diferente da realidade; representada, no romance, pelo narrador Pedro, que atua como um tipo de mediador-inventor dos discursos que permeiam questões sociais da realidade brasileira, comprovando que as teorias atuais estão preocupadas com a problematização de questões raciais que, se antes invisibilizadas, precisam agora ser escancaradas na narrativa e, como consequência, problematizadas.

A riqueza do romance é confirmada pela maestria com que são desenvolvidas questões bastante subjetivas, afetivas, familiares, pessoais e questões que vão muito além do indivíduo, do episódico. É a representação também de um problema social, estrutural. Sendo assim, no caráter individual, temos o trabalho de elaboração do luto desenvolvido pelo narrador, ao mesmo tempo em que temos a denúncia da necropolítica.

À vista disso, consideramos que as personagens analisadas neste trabalho foram essenciais para a formação da personagem Henrique, pois por meio delas, seja pelo contato profissional, afetivo e intelectual, a personagem construiu a sua consciência racial. No entanto, mesmo com uma profissão, professor de Letras, e todo o conhecimento adquirido, Henrique convivia diariamente com as dificuldades do homem negro brasileiro de sobreviver em uma sociedade impregnada pelo racismo estrutural. Essa situação do campo literário dialoga com fatos reais; como exemplo, podemos citar um caso que aconteceu em 2020 no Brasil, no qual o engenheiro eletricitista gaúcho Gustavo Amaral<sup>12</sup>, um cidadão negro, inocente e desarmado a

---

<sup>12</sup> Morte de engenheiro negro por policial no RS gera indignação e movimento Black Lives Matter local. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54452328>. Acesso em: 06 mar. 2023.

caminho do trabalho, foi assassinado por tiros disparados por um agente do Estado por confundi-lo com um bandido. A alegação era que a vítima segurava um celular na mão.

Na obra, o final trágico e violento de Henrique, morto por policiais numa operação militar, é muito simbólico, pois ele morreu por ser confundido com um bandido e estava com um livro em mãos. Como observamos, essa narrativa coincide com o fim de muitos homens negros vítimas de operações policiais truculentas, impregnadas de preconceito e discriminação que, muitas vezes, não veem o que está além da pele.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998. p. 9.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A personagem de ficção*. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 51-80.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CÉSAIRE, Aimé. *O discurso sobre a negritude*. Organização: Carlos Moore; Tradução: Ana Maria Gini Madeira. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. p. 107-114.
- CÉSAIRE, Aimé. *Textos escolhidos: a tragédia do rei Christophe; discurso sobre o colonialismo; discurso sobre a negritude*. Organização: José Fernando Peixoto de Azevedo; Tradução: Sebastião Nascimento. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.
- CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira: consciência em debate*. Selo Negro, 2010. Edição do Kindle.
- DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

DOMINGUES, Petrônio José. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. *Revista África*, n. 24-26, p. 193-210, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74041>. Acesso em: 5 mar. 2023.

DURÃO, Fabio Akcelrud. *Metodologia de pesquisa em literatura*. São Paulo: Parábola, 2020.

DURÃO, Fabio Akcelrud. *O que é crítica literária?* São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

LITERAFRO. O portal da Literatura afro-brasileira. *Dados biográficos*. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/353-oliveira-silveira>. Acesso em: 17 jan. 2023.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: COSTA-BERNARDINO, Joaze; TORRES-MALDONADO, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2.ed, 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PELLEJERO, Eduardo. *A postulação da realidade: filosofia, literatura, política*. Tradução: Susana Guerra. Lisboa: Vendaval, 2009.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Edição brasileira. Colección Sur-Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, set. 2005. p. 107-130.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. *Revista Novos Rumos*, [S.l.], n. 37, 2002. DOI: 10.36311/0102-5864.17.v0n37.2192. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/2192>. Acesso em: 28 set. 2022.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019a.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.

SILVEIRA, Oliveira. *Poemas: antologias*. Porto Alegre: Edição dos Vinte, 2009.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. Edição do Kindle.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Edição do Kindle.

TENÓRIO, Jeferson. Quebrando a história única. [Entrevista concedida à] Juliana Domingos de Lima. *Uol*, 19 dez. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/jeferson-tenorio-a-literatura-foged-dos-rotulos-identitarios/#cover>. Acesso em 18 jan. 2023.